

## Registros etnográficos sobre a Amazônia na obra “o turista aprendiz” de Mário de Andrade

LIMA, Soraya de Oliveira<sup>1</sup>

ZAGO, Rosemara Staub de Barros<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas

*Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras tanto dissolvendo –as como recriamos-as.  
(Octavio Ianni.).*

### Resumo

O artigo traz como relato algumas explicações do Capítulo 05 - “Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega – 1927 -O Turista Aprendiz :viagem etnográfica Turista Aprendiz -1928 a 1929”, como parte da obra “O Turista Aprendiz, de Mário de Andrade”(2010).A obra é considerada fundamental para compreender a busca que Andrade empreendeu pelo Brasil durante suas viagens por meio dos registros etnográficos no final da década de 1920. Como procedimentos metodológicos, o trabalho se concentra na análise bibliográfica do referido Capítulo, que relata a viagem que o escritor fez na Amazônia, bem como o modo como ele revela a região para o restante do Brasil, uma vez que vem realizando a renovação mental da nacionalidade a fim de ultrapassar limites no qual são impostos pela condição de herdeiros de um pensamento, que se propôs ser universalista, e ao mesmo tempo contribuir com estudos já existentes sobre a visão hegemônica da região Amazônica.

**Palavras - Chave:** Turista; Registro; Viagens Amazônia; Região Norte.

### Abstract

The article offers some explanations as reported in Chapter 05 - "Travel the Amazon to Peru by Wood to Bolivia and Marajó to say enough - 1927 -The Tourist Apprentice: Ethnographic trip Tourist Apprentice -1928 to 1929" as part of work "the Apprentice Tourist, Mário de Andrade" (2010) .The work is considered fundamental to understanding the search Andrade undertaken by Brazil during his travels through the ethnographic records in the late 1920s as methodological procedures, work focuses on literature review of that chapter, which recounts the journey that the writer did in the Amazon and the way it reveals the region to the rest of Brazil, as it has been conducting mental renewal of nationality in order to overcome limits in which they are imposed by the condition of heirs of a thought, which is proposed to be universal, and at the same time contribute to existing studies of the hegemonic vision of the Amazon region

**Keywords:** Tourist; Amazon; North region; Record; Travels.

---

<sup>1</sup>Mestre e Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).  
E-mail:[sol.limaquine@hotmail.com](mailto:sol.limaquine@hotmail.com) .Manaus-AM-Brasil.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia –PPGSCA- Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O artigo é o resultado dos estudos da Disciplina Epistemologia e Metodologia das Ciências Humanas e Sociais,(2015), do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA - Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

## Introdução

Ao destacar a literatura que traz consigo o registro etnográfico, cabe desvendar que olhar do etnógrafo e escritor Mário de Andrade torna-se ao mesmo tempo dialético e dialógico, quando dos seus relatos sobre a vinda ao norte do Brasil, revelando a região para o restante do país, uma vez que seus escritos são portadores de elementos que pretendem ultrapassar limites impostos à região, desconstruindo a visão hegemônica do lugar em conjunto com a renovação mental da nacionalidade.

Mas antes é importante ressaltar a historiografia do autor: nascido no dia 9 de outubro de 1893, cujo nome de batismo é Mário Raul de Moraes Andrade, filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite Moraes Andrade, na Rua na Rua Aurora, 320, em São Paulo - SP. Concluiu o ginásio e entrou para a Escola de Comércio Alves Penteado, tendo abandonado o curso depois de se desentender com o professor de Português.

Em 1911 ingressou no Conservatório de Música de São Paulo, formando-se em piano. Em 1917, com a morte de seu pai, dava aula particular de piano para se manter. Nesse mesmo ano conhece Anita Malfatti e Oswald de Andrade, tornando-se amigos inseparáveis. Ainda nesse ano com o pseudônimo de Mário Sobral, publicou seu primeiro livro "*Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema*", no qual critica a matança produzida na Primeira Guerra Mundial.

Mário de Andrade fez várias viagens pelo Brasil, com o objetivo de estudar a cultura de cada região e devido a isto, visitou cidades históricas de Minas, passou pelo Norte e Nordeste, recolhendo informações como festas populares, lendas, ritmos, canções, modinhas etc. Todas essas pesquisas lhe renderam obras como "*Macunaíma*", "*Clã do Jabuti*" e "*Ensaio sobre a Música Brasileira*".

Ele foi Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, entre os anos de 1934 e 1938. Afastado do cargo por motivos políticos, ainda em 1938 foi para o Rio de Janeiro, onde lecionou Filosofia e História da Arte na Universidade. Foi incapaz de ficar longe de São Paulo, a cidade que amava, e em 1940 estava de volta. Foi ainda funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico do Ministério da Educação. Mário Raul de Moraes Andrade faleceu em São Paulo, no dia 25 de fevereiro de 1945, vítima de um ataque cardíaco.

Em meio as grandes variedades que a obra de Mario de Andrade destaca no campo do urbano, ele revela que há grande complexidade dos escritos presentes na obra *O Turista Aprendiz*: podem ser caracterizar como a presença dos campos sociológicos e políticos sobre

o Brasil e o povo brasileiro e em outros momentos há a criação literária, além de ideias que foram desenvolvidas posteriormente, tanto na vertente literária como na ensaística do autor. Logo, este artigo se torna um convite para que o leitor se debruce nas observações e reflexões que podemos considerar como científicas, feitas pelo autor ao visitar a região Norte do Brasil.

**A obra: “O turista aprendiz”:**

A obra de Mário de Andrade foi sempre entremeada do urbano. Exemplo foi quando escreveu “*Dois poemas acreanos*”: em 1925 o mais longe que tinha ido de São Paulo era Minas Gerais. Mas naqueles versos o modernista já sugeria onde estava sua cabeça na época.

Tanto é que entre 07 de maio e 15 de agosto de 1927, Mário de Andrade realiza sua primeira viagem de Turista Aprendiz ao Norte e Nordeste do Brasil. O autor, que escreveu sobre vários assuntos, conjectura a probabilidade, durante aquele período, de escrever, em campo, manifestações artísticas populares, evolução natural da pesquisa de gabinete do estudioso de folclore.

Se por um lado, naquela ocasião, o estudioso ficou entusiasmado, mas não contente com a coleta de material folclórico, por outro, não saiu de mãos vazias. No retorno a São Paulo, sua bagagem voltou farta de anotações e uma primeira versão do diário “*O Turista Aprendiz*”, notas para novas versões de *Macunaíma*, o esboço da narrativa *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*, além dos resultados de sua experiência como fotógrafo moderno. Na amplitude de seus assuntos, as viagens ao redor de seus livros se transformam em relatos do Turista Aprendiz, contemplando uma parcela da Amazônia, entre maio e a primeira quinzena de agosto, em 1927.

A obra aqui analisada “*O Turista Aprendiz*”, tem mais de 30 anos; é composta por um sumário e sete (07) capítulos. Foi considerada como uma fonte etnológica rica em detalhes de escritos. Nela, o escritor desponta também como um fotógrafo pleno do olhar criador, aliado à busca da precisão técnica, o que bem se vê nas suas legendas de cunho técnico e poético, rigorosas nas datas, com mais de 500 imagens no livro.

Inclusive, o capítulo que trata das viagens do norte e nordeste, de 27 de novembro de 1928 a fevereiro de 1929, são organizados por meio dos relatos e de fotografias que flagram instantes do trabalho do etnógrafo e de seu lazer reiteradas as conquistas de 1927.

O capítulo que nos referimos no artigo, tem como título: “*Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega – 1927 -O Turista Aprendiz :viagem etnográfica Turista Aprendiz -1928 a 1929*”, como escreveu na época.

Nessas viagens, Andrade refletiu sobre o que via em diários, rabiscos e apressadas e crônicas para jornais.

No entanto, essas notas só foram publicadas em conjunto, 31 anos depois da sua morte, no livro “O turista aprendiz” (1976), organizado pela professora e pesquisadora Telê Ancona Lopez, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP<sup>3</sup>.

### **A visão do turista aprendiz sobre a Amazônia**

Embora considerada como obra fundamental para compreender a busca que Andrade em conhecer o Brasil durante suas viagens por meio dos registros etnográficos no final da década de 20, apontaremos alguns dos relatos do escritor sobre a Amazônia.

A nosso ver, quando Andrade revela a região para o restante do Brasil no capítulo 5 (cinco), pode ser considerada como renovação sobre a mentalidade acerca da Amazônia. Além do mais, seus registros mostram-se com uma experiência de ruptura com seu cotidiano urbano, pois evidencia empatia em relação ao desconhecido.

**7 de junho.** Passeio em duas lanchas oficiais pelo Careiro, tempo feio. Largamos o Negro e tomamos pelo paranã de Catalão. Dia todo. Fomos ao lago do “Amaniúm”, não escutei bem este nome, preciso perguntar. Mas que coisa sublime, o lago, cercado inteirinho de mato colossal, calmo, uma calma encantada, em que os ruídos, gritos de animais estalam sem força pra viver. Solidão pura e livre, nada triste. Lá estavam as vitórias-régias, com os uapés e socós nas folhas. Voltamos ao crepúsculo. Corrida das duas lanchas. De noite, sem que fazer, largados(ANDRADE,2015,p.98 ).

Ao iniciarmos nossa abordagem, percebemos que os relatos de Andrade podem ser considerados uma carta, cujos registros tornaram-se famosos por apontar o que lhe chamava atenção. “No segundo caminho, ao reconhecer os momentos nos quais a emoção o avassala, o Turista carrega para o diário a crônica da entrega plena, lirismo que ultrapassa a contemplação” (ANDRADE, 2015, p. 99).

E se compararmos os registros das viagens de Andrade pela Amazônia com os relatos de viagens dos viajantes, percebemos que os escritos do intelectual se distanciam daqueles, já que foram carregados de preconceitos e fantasias,(que acendeu o imaginário do homem europeu), pois estes sonhavam com o “paraíso [...]”(GONDIM,2007).

---

<sup>3</sup> Disponível <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-turista-aprendiz-diario-das-viagens-de-mario-de-andrade-relancado-17984026#ixzz43yRPASQY>> Acesso em 25 de Março de 2016.

Utilizando-se de expressões como “controle sobre mim mesmo”, “inteligência”, “consciência, (ANDRADE, 2015, p.39)deixa clara sua preocupação de tornar a Amazônia familiar aos brasileiros, abrindo mão de estabelecer qualquer rótulo ou conceito sobre a o lugar. e sem deixar-se dominar pela sua experiência com o urbano.

Infelizmente minhas companheiras de viagem desistiram de ir ver, o que faz com que não possam testemunhar tudo quanto admirei. Quando ia chegando, uns curumins brincando no trilho deram o alarme de maneira muito estranha, sem um grito. Saltavam, movendo as perninhas no ar com enorme rapidez e variedade de gestos pernis. Imaginei que era medo de gente branca mas não era não[...]. Os curumins, esses então positivamente me agrediram, me dando muitos pontapés da mais inimaginável variedade. Isso, moviam os dedinhos desses mesmos pés com habilidade prodigiosa de desenvoltura. Por causa da minha profissão de professor de piano, me pus observando principalmente o movimento do quarto dedo, era assombroso! Creio que nem um por cento dos pianistas de São Paulo (e sabemos que são milhões) possui semelhante independência de dedilhação”. (ANDRADE, 2015, p.100).

Quando fala sobre a Amazônia, Andrade reflete e nos leva a refletir acerca de um conjunto de representações ideológicas; dessa forma, seus registros contribuem para desconstruir as ideias universais, que em muito influenciaram na formação social e cultural do lugar. Além do mais, são reveladores da empatia do turista aprendiz, quanto ao tema viagens, nos seus relatos.

Tanto é que em seus escritos sobre a Amazônia, percebemos a concepção que o intelectual tem sobre civilização: ao falar sobre a região, Andrade demonstra a existência da pluralidade de civilização, que se distanciam na maioria das vezes das concepções anteriores. Isso nos remete aos escritos de Cunha (2011) ao falar sobre a Amazônia.

“Tem tudo e falta-lhe tudo, porque falta encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência - e que é como que a grande lógica inconsciente das coisas” (CUNHA,2011,pág.18).

A citação de Euclides demonstra sua objetividade e rigor quando relata sobre a Amazônia, certamente marcado pelo olhar forjado de elementos e conjuntos que desconsideraram o lugar como espaço de pluralidade. E mesmo sabendo que o “olhar” hegemônico sobre a Amazônia foi herdado do colonialismo, falar sobre a região no atual contexto ainda é um desafio, devido aos equívocos de pensá-la para além das ideias que contribuíram com a exploração e ocupação da mesma.

[...]região é intocável, misteriosa e mítica, sua representação colonizada ainda encontram sólidas estruturas do pensamento, que aderem ao discurso da ciência e das representações culturais sem deixar ai de continuar sendo ideológicas (PINTO, 2010, p.2).

Em seu depoimento, Pinto (2010) salienta sobre o que seja a representação dominante: uma visão imposta pelo colonizador, podendo fortalecer a ideia de que a Amazônia é uma região periférica, que está à margem do contexto nacional.

Ao referimos sobre os tipos humanos que compõem a Amazônia, tomamos o registro do “turista aprendiz” sobre a “**tribo dos pacaás novos**”

Ontem, no passeio de lancha, tivemos ocasião de visitar a tribo dos pacaás novos, bastante curiosa pelos seus usos e costumes[...]O traje deles, se é que pode-se chamar aquilo de traje, era assim: estavam inteiramente nus e com o abdômen volumosíssimo pintado com duas rodela de urucu, uma de cada lado, tudo aveludando por causa duma farinha finíssima, bem parecida com pó-de-arroz, esparzida por cima. No pescoço porém, uma corda forte de tucum sarapintado amarrava um tecido de curauá muito fino, ricamente enfeitado com fitinha de canarana e uma renda delicadíssima feita com filamento de munguba. Com isso formavam uma espécie de saia, que em vez de cair sobre os ombros e cobrir o corpo, se erguia suspensa por barbatanas oscilantes. Assim erguida pro céu, a saia tapava por completo a cabeça dos índios, tendo apenas na frente um orifício minúsculo dando saída à visão. Por esse orifício percebi que os índios ainda traziam a cabeça completamente resguardada por outra peça [.....]Eu estava espantado, na contemplação de semelhante vestimenta, quando, por causa do sol, senti cócecas no nariz desesperado com o cheiro e soltei um colarzinho de espirros.[...](Andrade,2015, p.100).

Atento as situações que observou, a citação de Andrade (2015) expressa surpresa sobre as características e os modos de vida do indígena da região, comprovando que seu pensamento revela uma concepção plurireal de civilização.

Além do mais, encontramos nos relatos de Andrade sobre a Amazônia temas atuais, dentre eles, questões como os modos de ocupação, sobrevivência, diversidade regional e a organização econômica, constituintes do cenário geográfico e cultural.

Por conseguinte, compreendemos que não é mais possível estabelecer a padronização dos comportamentos, anseios e linguagens sobre um determinado lugar, mesmo que a grandeza dos desafios seja de ordem social, econômica e ecológica, pois é fundamental o reconhecimento de que há lugar para as diferenças e para uma convivência entre diferenças,

Sem deixar de consideramos as ideias e as noções negativas – em grande parte alimentadas pela percepção superficial dos viajantes sobre a Amazônia –encontramos nos escritos de Andrade, o reconhecimento de que as populações que compõem o Brasil,são

plurais; desse modo, a pretensão do escritor pode ser caracterizada como um movimento que se desloca dos aspectos hegemônicos para aspectos regionais e culturais diversificados.

Logo, ao tocar nos aspectos da visão etnográfica de Andrade, entendemos que ainda persiste a visão que se tem da região e dos que nela vivem: como uma imensa extensão de terras, onde o principal elemento de identificação é a natureza. No limite, podemos dizer que se trata dos processos de homogeneização acarretado pela adoção de um único modelo de civilização.

O exposto nos lembra a necessidade de compreendermos a cultura do lugar, em Darcy Ribeiro.

“faltava ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio [...] Como estabelecer a forma e o papel da nossa cultura [...] feita de transplante, regida pelo modismo europeu [...] para compreender essa versão do mundo e de nós mesmos?(RIBEIRO,1995,pág.16)

E tendo em conta o que afirma o antropólogo brasileiro, será necessário reconhecermos que fomos condicionados as pressões hegemônicas, que desconsideraram nossa civilização plural. No entanto, a favor disso, as discussões sobre a sociedade empreendidas pelo turista aprendiz ensejam uma espécie de produção cultural e política, quando ele inicia ou incentiva a compreensão dos modos de ser dos brasileiros, quando sua viagem pelo Norte, representou a busca por uma parte do Brasil até então pouco conhecido.

As vergonhas deles não são as que nós consideramos como tais O que escondemos por discrição e nossas leis, eles fazem na frente de quem quer que seja, com a mesma naturalidade com que o nosso caipira solta uma gusparada. [...] Consideram o nariz e as orelhas as partes mais vergonhosas do corpo, que não se mostra a ninguém, nem aos pais, só marido e mulher na mais rigorosa intimidade. Escutar pra eles é o que nós chamamos pecado mortal. Falar, é o máximo da sensualidade. Se os atos da procriação são de qualquer lugar, hora e presença alheia, isto só não se dá com muita frequência, pelo dever moral que eles têm de esconder os gestos excitatórios do amor, exclusivamente provenientes da fonação(ANDRADE, 2015,p.103)

Os escritos de Andrade demonstram que a organização social do lugar no período em que esteve na região chama atenção para a noção de pessoa e o lugar que ocupam de acordo com os contextos que vivenciam, na tentativa de compreender adequadamente a organização social dos grupos, nesse caso os indígenas.

Desse modo, seus relatos se diferenciam dos colonizadores: ao falar da relação com o homem amazônico, os viajantes estabeleceram imagens tendenciosas, que a história nos legou intocada, desconsiderando a natureza social do lugar. Ao contrário, ao reconhecer que a Amazônia possui identidade mais plural, Andrade admite também que os desafios de pensar a complexidade da região são inesgotáveis.

Andrade especifica além dos traços sociais e culturais, as linguagens e as identidades dos grupos sociais e dos tipos humanos que compõem a região: os indígenas, os negros, os mestiços, os povos das águas, os povos ribeirinhos, etc, quando registra que

**Vogando no rio, treze horas<sup>127</sup>.**

Eu gosto desta solidão abundante do rio. Nada me agrada mais do que, sozinho, olhar o rio no pleno dia deserto. É extraordinário como tudo se enche de entes, de deuses, de seres indescritíveis por detrás, sobretudo se tenho no longe em frente uma volta do rio. Isto não apenas neste Amazonas, [...] O rio vira de caminho lá no fim do estirão, a massa indiferente dos verdes barra o horizonte, e tudo se enche de mistérios vivos que se escondem lá detrás. A cada instante sinto que a revelação vai se dar, grandiosa, [...], lá da volta do rio. E eu fico assim como que cheio de companhia, companhia minha, [...](ANDRADE,2015,p.106)

Elementos como os rios da Amazônia, são mediados por Andrade pelo seu sentimento: para ele, o rio é misterioso, transmite paz e acalanto; é o que Leandro Tocantins, na sua obra “O rio comanda a vida” (2000), escrito na década de 50, demonstra a identificação de uma sociedade e cultura, que se desenvolveu na Amazônia nascida sob as bases das forças naturais e que condicionaram o ritmo de vida dos homens, de acordo com os movimentos dos rios.

[...]Mas que coisa sublime, o lago, cercado inteirinho de mato colossal, calmo, uma calma encantada, em que os ruídos, gritos de animais estalam sem força pra viver. Solidão pura e livre, nada triste. Lá estavam as vitórias-régias, com os uapés e socós nas folhas.(ANDRADE,2015,pág.95)

Logo, não podemos esquecer que tanto Andrade quanto Tocantins empreendem o saber, quando ampliam o conhecimento e ao mesmo tempo o respeito pelo lugar, pois ambos demonstram a soberania dos rios da região, tornando possível sua aproximação:

Ao consideramos a Amazônia como um dos maiores biomas do planeta, os estudos que se voltam para o conhecimento da região devem considerar sua grandeza<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embaúbas, e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até o grito dos uapés afunda n'água. Pois é nessas lagoas que as vitórias-régias vivem, calmas, tão calmas, cumprindo o seu destino de flor”.(ANDRADE,2015,p 97).

Não há no mundo uma região onde melhor se ajuste a imagem dos “caminhos em marcha e que levam aonde queremos ir” do que a Amazônia. As suas baías, os seus golfos, rios, paranás, lagos, furos e igarapés, consagram esta frase de Pascal, sob o aspecto da geografia dinâmica e das manifestações de vida do homem, cujo destino está entregue aos caminhos que andam.(TOCANTINS, 2000, p.75).

A compreensão da relação regional e local aponta que a Amazônia não é uma unidade fechada, já que a forte diversidade geográfica, cultural e social criam seus próprios estilos. Nesse caso os rios da Amazônia são considerados como integrantes das relações regionais mediante o contexto de toda uma produção, também regional.

**7 de junho. Vitória-régia** Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embaúbas, e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até o grito dos uapés afunda n'água. Pois é nessas lagoas que as vitórias-régias vivem, calmas, tão calmas, cumprindo o seu destino de flor. Feito bolas de caucho, engruvinhadas, espinhentas as folhas novas chofram do espelho imóvel, porém as adultas mais sábias, abrindo a placa redonda, se apoiam n'água e escondem nela a malvadeza dos espinhos. Tempo chegado, o botão chofra também fora d'água. É um ouriço espinhento em que nem inseto pousa. E assim cresce e arredonda, esperando a manhã de ser flor.(ANDRADE, 2015, pág.96).

Para Andrade, os rios carregam o poético, o imaginário e o tabulário, evidenciando que a ideia de isolamento da Amazônia do restante do país, pode ser afastada pela calma dos rios; quando Andrade registra seus sentimentos sobre os rios

[...]Eu gosto desta solidão abundante do rio. Nada me agrada mais do que, sozinho, olhar o rio no pleno dia deserto. É extraordinário como tudo se enche de entes, de deuses, de seres indescritíveis por detrás, sobretudo se tenho no longe em frente uma volta do rio.(ANDRADE,2015,pág.104).



Na lagoa do Amanium / Perto do Igarapé de Barcarena

Gondim (2007), na sua obra “*Invenção da Amazônia*”, sustenta a ideia de que a região tem um fascínio sobre o mundo e desperta a curiosidade.

A Amazônia ainda possui potencialidades de fascinar e causar devaneios como ocorreu nos primeiros tempos, quando do desbravamento de seus rios por navegadores de distintas nações e principalmente oriundos do continente europeu. (GONDIM, 2007, p.329).

E no atual contexto tem sido assim: a sociedade contemporânea brasileira de certa forma apreende a Amazônia apenas pelo imaginário, nas formas simbólicas e culturais, apreensão que se constata também a partir dos processos socioculturais e econômicos nela vigentes.

O que, a princípio diverte, mas acaba por infernizar, é a confusão das informações que a gente recebe sobre as coisas da terra, nem se acredita. Todos se propõem conhecedoríssimos das coisas desta sua pomposa Amazônia de que tiram uma fantástica vaidade improvável, “terra do futuro”... Mas quando a gente pergunta, o que um responde que é castanheira, o outro discute pois acha que é pato com tucupi. Só quem sabe mesmo alguma coisa é a gente ignorante da terceira classe. Poucas vezes, a não ser entre os modernistas do Rio, tenho visto instrução mais desorientada que a desta gente, no geral falando inglês. (ANDRADE, 2015, p.112)

Nos relatos, diríamos que Mário de Andrade apresenta e comunica a cultura, quando das suas viagens pelo norte dos pais. Certamente, o turista aprendiz não tinha ideia do que poderia vivenciar e encontrar; ao mesmo tempo é pertinente afirmar que sua obra aglutinou vários aspectos direcionados aos contos e as narrativas. Ao fazer articulação entre a literatura, a ciência: a ficção, o real e o imaginário, consegue estabelecer uma narrativa que certamente auxiliou na desconstrução dos rótulos sobre a Amazônia.

Dessa forma, ao aproximar as experiências sobre as viagens relatadas no capítulo 5(cinco) Andrade revela características culturais, étnicas e raciais que fazem parte da formação do povo brasileiro, afinando portanto, sua convivência com a diversidade do lugar.

Para, além disso, o escritor se dispôs a tratar dos variados elementos da região, quando mediou as relações de harmonia entre o homem, e as sociedades locais e nacionais, como ferramenta que desconstrói o cenário criado sobre a Amazônia, desde a chegada do colonizador e após o processo de conquista.

---

<sup>5</sup> Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/09.101/5662>> Acesso em 02 de maio de 2016.

## **Considerações**

Devido à necessidade em considerar os desafios presentes na região, os relatos de Andrade no capítulo 5 demonstram que a preocupação com a verdadeira identidade contribui com desconstrução do olhar hegemônico sobre a região, pois seus registros contem percepção do quanto é possível compreender como se deu a formação cultural da Amazônia.

No entanto, não podemos desconsiderar que a Amazônia foi inventada a partir de um conjunto de narrativas dos viajantes e das ideias que eles expressaram por meio de imagens que faziam da natureza da localidade na época. (Gondim, 2007),consequentemente Andrade lança um olhar crítico e apurado às grandes questões que se apresentam à realidade amazônica.

Ao problematizarmos as concepções universalistas sobre a Amazônia comparando-as aos relatos de Andrade, foi possível também problematizar a visão cristalizada que por muito tempo caracteriza a região. Certamente, a viagem foi também um encontro consigo mesmo, quando consegue comparar a sua própria realidade urbana, com outros espaços e valores que não aqueles do capitalismo industrial e a rápida urbanização.

Logo, o estudo teve como tarefa significar, acima de qualquer coisa, que nem tudo tem sentido único. Além dos mais, quando Andrade empreendeu sua viagem, evidenciou complexos de relações entre sujeitos, culturas e sociedades do norte com o restante do Brasil. pois o autor nos aproxima das particularidades do lugar, sobre questões que ele ilustra e identifica, em um conjunto de temas, ideias e problemas relacionados aos pensamento universal.

Uma vez que seus escritos são portadores de elementos que pretendem ultrapassar limites impostos à região, destacamos que Mário de Andrade torna-se ao mesmo tempo dialético e dialógico sobre a vinda ao norte do Brasil revelando a região para o restante do país.

Embora nosso pano de fundo não seja o aspecto literário da obra, podemos considerá-la como uma contribuição formadora do pensamento e da cultura de parte do Brasil, pois os relatos presentes no livro *O Turista Aprendiz* intentam sobre as observações e vivencias de Mario de Andrade nas festas, músicas, danças, manifestações artísticas e culturais da região amazônica.

Em se tratando dos estudos e das teorias sobre a Amazônia, isto quer dizer que os conceitos estabelecidos sobre a região não podem conter em si mesmo dados certos; ao contrário, devem resultar na possibilidade de conhecer a Amazônia a partir das suas especificidades locais e regionais,

A figura abaixo resume a construção dos relatos de Andrade sobre a Amazônia permitindo reconhecer que é possível debater as ideias universais sobre a Amazônia, considerando-a empírica e analiticamente como fonte de pesquisa, tendo como ferramenta a discussão crítica e interdisciplinar da realidade, devido incessantes indagações a respeito das suas desigualdades.



Figura 1: Elementos encontrados por Oswald de Andrade para pesquisa interdisciplinar da Amazônia.  
Fonte: autora, 2016.

## Referências

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz / Mário de Andrade** ; edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo ; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. – Brasília, DF Iphan, 2015.464 p. : il. color. + CD-ROM + DVD. – (Obras de Referência, n. 5). ISBN : 978-85-7334-280-2.

IANNI, Octavio. "**A metáfora da viagem**". In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia: um paraíso perdido**. Organização: Tenório Telles. 2ª.edição. Editora Valer, Manaus, 2011.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

PINTO, Renan Freitas. Djalma Batista: **artigos de jornal**. Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro/Élide Rugai Bastos e Renan Freitas Pinto, organizadores- Manaus; Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. pág.157.

PINTO, Renan Freitas A viagem das ideias. **Estudos avançados v.19 n.53 São Paulo** jan./abr. 2005. Disponível em:<  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142005000100007&lng=pt &tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142005000100007&lng=pt&tlng=pt)> acesso em 08 de fevereiro de 2016.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. 9. ed. Manaus: Valer, 2000.